Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

"NÃO É DA MINHA CONTA? DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER": UMA REFLEXÃO SOBRE O FAMINTO COMO "HÓSPEDE DA COMPAIXÃO" A PARTIR DE MC 6,30-44

Lucas Emmanuel Lacerda Ferraz[1]

Resumo

O "faminto" em Mc 6,30-44 aparece como uma multidão, integrando as interfaces de um sujeito, fazendo vislumbrar a chamada "hospedaria da compaixão" através da atitude de Jesus, que convida os discípulos ao sacrifício da reconciliação. Esse itinerário se faz a partir da superação de uma lógica econômico-exploratória para a vivência da partilha como dom, que numa "falta despojada" transborda a medida do amor com o alimento repartido que sacia. Pretende-se com esta reflexão provocar a sociedade sobre o "por que" do faminto, fazendo-a entender que a partilha autenticamente eucarística responde: "Sim! É da minha conta a vida do meu irmão!"

Palavras-chave: Faminto. Multidão. Discípulo. Reconciliação. Partilha.

INTRODUÇÃO

Em Marcos, na perícope da primeira multiplicação dos pães (6,30-44), o faminto tem um lugar significativo e, ao mesmo tempo, provocador, pois a sua figura quer reatar no coração dos discípulos a "moleza" da partilha que alimenta e dá a vida, excluindo antes a "dureza" que se objeta através dos lucros e da exploração, trazendo somente morte e dor. É por isso que a proposta de Marcos se torna "alimento" com uma simples pergunta: "Por que o faminto?". A resposta pode se encontrar no medo, ou na indiferença, ou ainda, na falta de sensibilidade dos discípulos que saem para a missão seguindo as recomendações do Mestre (cf. Mc 6,7-13), mas quando retornam cansados e com fome (cf. Mc 6,31) se prendem de partilhar e "escondem" no alforje o pouco alimento que poderia saciar a todos.

[1] Estudante do 6° período da graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. *E-mail: lucas.2020110888@unicap.br*

A atitude dos discípulos demonstra aquilo que nos dias de hoje têm-se visto e vivido, não apenas nas entrelinhas da sua história, mas nas calçadas existenciais, nas ruas e praças do mundo: a fome da indiferença, que gera a fome da partilha, que cria a fome da exploração. Ou seja, a disposição de um banquete de morte numa mesa que não se "eucaristiza" no despojamento para partilhar do pouco que se tem, quando em contrapartida, os lucros galopam às alturas, a compra se torna um "esbanjamento" para a saciedade somente de si e de alguns grupos, fazendo assim muitos pequeninos ficarem à beira do caminho (cf. Lc 10,29-37) aguardando um samaritano que os acolha e alimente, de Palavra e de Pão.

É essa a imagem do mundo, que compra com os "denários da ilusão" uma crença-descrente em migalhas emergentes, e esquece que o "sacrifício excelente" é a porta da reconciliação que inaugura, por assim dizer, a "hospedaria da compaixão". Com isso, deseja-se adentrar profundamente na vida e no labor lacrimoso do faminto como uma oportunidade autenticamente eucarística, que numa ética da partilha oculta e reconciliada (cf. Mt 6,2-4) faz-se revelar o mistério de Cristo, dito de outro modo, um "desembarque" que descortina a fartura de uma terra pascal, renovada, ressuscitada.

1 "POR QUE O FAMINTO?": UMA APRECIAÇÃO BÍBLICO-HERMENÊUTICA

A pergunta "Por que o faminto?" é bastante intrigante, pois o seu tom é diferente de outras indagações que se relacionam ao assunto, como por exemplo, "O que é o faminto?", "Como está ou vive o faminto?", etc. A causa de existência do faminto é muito mais comprometedora do que a busca por explicações teóricas ou de senso acerca dele, e como consequência da pergunta, adentra o homem numa tensão sobre a sua participação no itinerário por uma resposta. É por isso que o faminto é uma figura bastante interessante em Marcos, porque ele, implícita e explicitamente, aparece através de uma "multidão faminta" que chega

junto a Jesus como consequência do anúncio do Reino na missão discipular.

A marginalidade da localidade era tão grande, que a boa notícia do Evangelho faz tanta gente faminta, agora de pão, acorrer a um lugar deserto para querer descansar como os discípulos (cf. Mc 6,32). Porém, nesse entremeio se revela um dado importante que é da parte dos discípulos: "não tinham tempo nem de comer" (Mc 6,31b). A atividade de anúncio da Boa-notícia realizada pelos discípulos era tão vasta, que eles não tinham tempo de comer do pão físico, e por isso, o convite de Jesus, conforme dito acima, é de se dirigirem a um lugar deserto para o descanso. Por isso, nesses termos, ainda continuavam famintos. Aqui se acende a lamparina que o próprio Jesus prepara, a partir do texto de Marcos, quando os convida, sozinhos (cf. Mc 6,31a), a essa dimensão desértica para um descanso merecido, e que faz nascer um caminho "necessitado" para o qual os discípulos se destinam: o coração faminto de uma Palavra que retire da sua realidade de vida a lógica da compra como solução para o problema da fome (BALANCIN, 1991, p. 89).

Ou seja, o convite de Jesus a caminhar para uma outra dimensão, que faz acontecer a contemplação do coração (deserto), é oportunidade para que os discípulos consigam tirar do percurso de suas vidas o desejo de uma missão que vive sob os parâmetros da sociedade, através de uma lógica econômica, que explora apenas, e que assim, os faz distanciarem-se de Jesus e do seu projeto. Mas algo fora dos planos ocorre, pois outra cena se abre no horizonte dos discípulos: a grande emergência da multidão, que corre e chega antes deles ao lugar deserto (cf. Mc 6,33b), demonstrando sua imensa necessidade, e ao mesmo tempo, da parte dos discípulos, que o dito "descanso" não poderia acontecer diante daquilo que exige de cansaço o estado físico pela missão realizada. Dois pontos, então, são importantes: o convite de Jesus a um chamado "deserto retórico" (Jesus já sabia a resposta e a atitude que iriam assinalar o momento contemplativo) e o medo que faz os discípulos fugirem da realidade faminta da missão, através de uma ação espantosa que não os comprometeria e lhes causaria "prejuízo" (despedir os famintos para comprarem o que comer, e gastar o

seu salário por causa de uma "fome alheia").

"[...] o povo sai de todas as cidades em que passa necessidade por ser explorado pela ganância dos grandes, e se dirige ao deserto, onde celebra o banquete da vida e da abundância de alimentos para todos" (BORTOLINI, 2003, p. 129). Esse lugar deserto de que fala Marcos remete a um espaço que o próprio Jesus torna visível e acessível aos discípulos, e que tem como pressuposto a "compaixão" que faz desembarcar num outro território: a vida. Ele faz isso implicitamente, para que os discípulos entendam que a missão da Palavra, anunciada e vivida, é somente autêntica quando não falta o alimento para a multidão faminta. Por isso, os famintos chegam "antes" ao lugar deserto, denotando que eles não têm comida, e que o alimento discipular da missão (a Boa Notícia) não foi suficientemente ampla, pois não houve implicação ética que os comprometesse sem medo e sem reservas. A isso, expõe Myers (1992, p. 255): "Agora, até o deserto está congestionado com a presença dos necessitados. Todavia, em vez de responder com irritação, Jesus demonstra compaixão [...] e prossegue ensinando-lhes até altas horas". O chamado de Jesus aos discípulos a esse deserto é para fazê-los vivenciar um "novo êxodo", que encaminha a uma vida liberta e sem exploração, e que celebra na contemplação o banquete da vida. Dito de outro modo, é encontrar a resposta de Jesus que apela a um "deserto retórico", ou seja, que retorna à vida, só que agora, definitivamente, pois a "campanha" de Jesus não se pauta na compra, no dinheiro, na exploração, mas na partilha que não gera perda, mas ganho "ao cêntuplo" (Lc 8,8a).

Contudo, entender verdadeiramente a compaixão como pressuposto do projeto de Jesus encaminha os discípulos ao desembarque na terra prometida do novo êxodo. Porém, para que haja fidedignidade dos discípulos, e por isso então, dos homens e mulheres de hoje, na entrada a esse renovado território, faz-se importante perder o medo de repartir, a indiferença que retira a condição discipular de "ovelhas", o dito anúncio a uma despedida cruel que manda de volta à escravidão. Isso é o que acontece nos dois lados da moeda: Jesus que, ao desembarcar, fica tomado de compaixão pela multidão que está como que "ovelhas sem

pastor" (Mc 6,34a), e a reação diversificada dos discípulos diante daquela realidade (cf. Mc 6,35-36).

O sentimento de Jesus, frustrado, denota que aquele povo (ovelhas) estava sem um Pastor, ou melhor, que estava vivendo sob o domínio dos generais da opressão e da injustiça, e não daqueles da ternura e da misericórdia que alimentam com saciedade. Cabe aqui o questionamento provocador do profeta Ezequiel aos pastores, que faz demonstrar a frustração de Jesus: "Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? Vós vos alimentais com leite [...], mas não apascentais o rebanho" (Ez 34,2b-3). Jesus se comove com a situação da multidão, e esta, comovida pela Palavra anunciada pelos discípulos, volta faminta ao Jesus, Pastor, que ensina e alimenta, mostrando assim o duplo objetivo do Evangelho. Ou seja, os discípulos missionários de Jesus, por um momento, diante da lógica dominante, têm medo de se "entranharem" na dor do faminto, fazendo assim o ensino da Boa Notícia tornar-se necessitado e desinteressado à solidariedade pela dor do que passa fome.

É essa atitude que faz plantar os traços da indiferença, que se escusa de participar na partilha do pouco que se tem, e que no cansaço e na circunstância do momento – "O lugar é deserto e a hora já muito avançada" (Mc 6,35b), objeta-se assim o percurso de uma despedida insensível e dolorosa, que não quer gastar tempo com a fome do outro e ainda, os denários que lhes trariam uma comodidade, tranquilidade e saciedade fraudulentas e sem firmeza.

Portanto, a pergunta volta a ressoar numa melodia desalenta e taciturna: "Por que o faminto?" Será que o faminto existe pela Palavra anunciada numa missão que não atinge a proposta real de Jesus – a partilha do pouco que se tem – fazendo, assim ser impossível (cf. Lc 1,37), diante do domínio econômico que explora e da situação de dor e sofrimento, um milagre que sacie tanta gente?

2 PÃO PARTIDO E PARTILHADO: A "FALTA DESPOJADA" COMO CAMINHO AUTENTICAMENTE EUCARÍSTICO

"Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mc 6,37a). A atitude tônica de Jesus quebra as pernas dos discípulos, pois sem dúvida, ele não passa a mão nas suas cabeças como se fosse um amiguinho, mas os faz questionarem-se, para assim deixá-los ser protagonistas a uma, agora, autêntica missão da Palavra e do Pão. É esse o cerne do itinerário discipular de Jesus: o Pão partido e partilhado que revela uma autêntica eucaristia. Com isso, o profeta Isaías já identifica a missão do Pastor, que se torna nesse contexto, elemento primordial que se encaminha às ovelhas que oferecem alimento e vida nos seios de um alforje que se abre e partilha: "Como o Pastor ele apascenta seu rebanho, com o braço reúne os cordeiros, carrega-os no regaço, conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam" (Is 40,11). Desse modo, se consegue entender que, na ordem de Jesus, está o centro da contemplação àquele convite de irem ao deserto. O descanso não era físico, mas provocador quanto àquilo que haviam feito e como vivenciaram a missão. Frisa MYERS (1992, p. 255):

> [...] com razão, nos adverte para não deixarmos de observar a ironia aí existente. Os discípulos acabavam de voltar de uma missão para a qual foram instruídos com a recomendação de não levarem consigo pão nem dinheiro. Mas eis que se veem às voltas com ambas as coisas! (MYERS, 1992, p. 255).

Mais uma vez se consegue compreender que os discípulos estavam totalmente imersos na realidade que dominava a localidade, e por assim dizer, "desobedecem" às orientações do Mestre, como que retendo algo que havia sido considerado elemento dispensado para o anúncio da Boa Nova. O dinheiro que somente compra e o pão que alimenta somente a si, se tornam instrumentos da indiferença dos discípulos que não querem ter um compromisso afetivo e solidário com a fome da multidão. Jesus, então, se torna "sarcástico" à atitude dos discípulos, quando os convida a não comprarem comida, e sim a olhar "Quantos pães tendes? Ide ver!" (Mc 6,38a), não sendo um mediador de última hora àquela calça justa dos

discípulos. Assim sendo, inaugura-se o tempo da "falta despojada" como princípio para sanar os famintos do percurso e assim encravar a partilha como exercício missionário que engendra, com verdade, a Boa Notícia. A resposta dos discípulos mostra que eles tinham pouca coisa - Cinco pães e dois peixes -, que eram "alimentos básicos de sobrevivência [...]" (BORTOLINI, 2003, p. 130). Mas a exortação de Jesus e mais ainda, a sua ação efetiva, de tomar o alimento nas mãos para partir e repartir, coloca um novo paradigma e horizonte diante da multidão, mas sobretudo, nos pés dos discípulos: a abundância dos bens, que não devem ser retidos na missão, mas partilhados à promoção da vida. O ato de Jesus, contrário à recomendação dada para a missão em Nazaré, "é um agradecimento pelo alimento destinado a ser partilhado entre todos, pois assim está previsto no projeto do Pai" (BORTOLINI, 2003, p. 131).

E aí surge um ponto interessante unindo dois aspectos - as sobras dos pães e peixes, que aparentam nem terem sido consumidos pelos famintos, e o alforje dos discípulos, provavelmente visualizado por Jesus, que retinha a matéria da saciedade - que se figuram com as atitudes de Jesus: o surgimento daquele novo êxodo, que abre o novo tempo da nova família de Jesus. Não apenas os Doze, mas uma multidão que junto dos Doze - uma "assembleia" - sentem o gosto da Palavra e do Pão. Abrir o alforje onde se carrega o alimento pessoal e dispô-lo à mesa para todos, de forma organizada (cf. Mc 6,39) revela a instauração do Novo Reino, definitivamente eucarístico, que se constrói numa "falta despojada" e retira todas as reservas à entrega daquilo que está guardado no coração. É por isso que o grande apelo que se perfaz sobre a Eucaristia, é de que ela seja "o pão para todos, principalmente para as pessoas que se sentem à margem das comunidades" (XVIII CEN, 2019, p. 77). Importante observar o realce "de que ela seja", isto é, vigore-se como caminho verdadeiramente sincero da comunhão, não pura e simplesmente sacramental, mas que se implica na vida do outro, o sofredor.

Somente assim, a Eucaristia terá o seu sentido real, quando conseguir enxergar, preferencialmente no faminto, a sua eficácia ética, que consegue

impulsionar o coração e as mãos para retirar o alimento que, muitas vezes está escondido, na ganância do poder, nos lucros exacerbados, nos sistemas de opressão, e mais, "no medo de fazer falta". Somente quando o coração desapegar-se dessas coisas é que poderá viver sinceramente os valores do Evangelho que se "eucaristizam" com o pobre, o faminto, o desalentado, "dando-lhe de comer". É na falta despojada, que faz faltar àquele que tem para partilhar com aquele que não tem, que o milagre acontece, fazendo assim não faltar nada para ninguém. Aí, de fato, acontecerá o sacrifício que leva à reconciliação do coração, pois é ele que faz os discípulos, e assim os homens e mulheres dos tempos emergentes, desembarcarem na terra, não mais prometida, mas definitivamente saciada. "Participando da Eucaristia, o cristão está confirmado em sua fé e é chamado a partilhá-la com outras pessoas [...] Assim, vai vivenciando a missão" (XVIII CEN, 2019, p. 134).

3 A HOSPEDARIA DA COMPAIXÃO: "NÃO É DA MINHA CONTA" A VIDA DO FAMINTO?

Esse trivial adágio que assola o século XXI – "Não é da minha conta" – tornou-se um bordão mais que elementar na boca de muitos, como se fosse um prato de comida na hora do almoço, ou mesmo ainda, a sua falta. Mas ocultamente, ele já aparece de forma emblemática no texto do Gênesis, quando traz dois personagens afamados, Caim e Abel, e o relato de uma morte colérica e injusta, que arruinou a vida da categoria "irmãos". E assim diz: "Iahweh disse a Caim: "Onde está o teu irmão Abel?" Ele respondeu: "Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?" Iahweh disse: "Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar para mim!" (Gn 4,9-10). Vê-se que a atitude de não se importar com a vida do irmão, que está faminto, que é uma multidão faminta, já traz seus sustentáculos no Antigo Testamento. Mas quando chega no texto de Marcos, o cenário muda um pouco: o irmão, ou os irmãos, não são mais "procurados", mas Jesus, "o guarda de Israel" (Sl 121,4), vendo-os como ovelhas sem pastor, como uma

multidão faminta, consegue colocá-los à frente de um dito Caim que entra agora em cena, travestido pela veste discipular de uma missão medrosa e sem a implicação da existência.

Jesus, através da pergunta que faz aos discípulos – "Quantos pães tendes? Ide ver!" -, ele retorna, metaforicamente ao Gênesis para compreender e afirmar que a missão ainda está deficiente de um alimento essencial: a sensibilidade ao clamor do faminto, que no sangue da injustiça e da opressão, canta os lamentos de sua dor, lembrando-se do seu Mediador (cf. Hb 12,24), mas sem ter alguém que, na urgência, lhe seja hospedeiro da compaixão. E isso por conta da dureza de coração que não faz sair do "Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?" (Gn 4,9b) para o "Cinco, e dois peixes [...] e ainda recolheram doze cestos cheios [...]" (Mc 6,38b.43). Esse êxodo, que passa da indiferença à pertença e à assiduidade ao faminto (cf. At 2,42) é, de fato, como que a passagem pelo Mar Vermelho do sangue de tantos que são oprimidos e feitos esganiçados de "fome e sede de justiça" (Mt 5,6) na busca de serem saciados pelo pão que deixa de existir no alforje discipular, para numa "falta que não faz falta", poder oferecer a vida. Somente na partilha é que o sentido genuíno do amor haverá de brotar como a flor do trigo que é despedaçada (cf. Sl 147,14), fazendo assim preparar-se a mesa que acomoda, leva a repousar, parte, dar graças e, numa distribuição vigilante, reparte a abundância de um pouco, até então assim considerado, que revela o muito dos pedaços que contemplam e fazem existir, de margem em margem, a hospedaria da compaixão. É nela que se estupefazem os incrédulos e os simples (cf. 1Cor 14,24), com o vinho doce (cf. At 2,13) que "superabunda a exuberância" da fartura do amor que partilha. Afinal, à vista de tudo isso, será que "não é da minha conta a vida do faminto, o meu irmão?".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa reflexão buscou-se entender, de forma aprofundada, através do recurso da "provocação evangélica", algumas das causas da

existência do faminto como aquele que está ferido nas estradas do hoje. O faminto não tem se alimentado do seu pão de cada dia, mas do raciocínio de uma "bandeja" econômico-diabólico, da abundância de um dinheiro que oprime, dos "denários" que ilusoriamente compram a suposta saciedade de uma "organização" que tira a fome, mas que de fato, causa a miséria e a tirania de uma "tecla" que confirma a satisfação do trigo de uns, e retira o pão de tantos outros. Portanto, deseja-se com essa análise, que o Evangelho se torne, sempre mais e na vida que passa e permanece, alimento abundante que derrama óleo e vinho, força e alegria nas feridas de tantos que têm fome, através da partilha que, eucaristicamente, se reparte em amor gratuito e "teimoso" àquele que é "da minha conta".

REFERÊNCIAS

BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o evangelho de Marcos*: Quem é Jesus?. São Paulo: Paulus, 1991.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos*: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Marcos*: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

XVIII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL. *Texto Base*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2019.